

A formação dos grupos no contexto das empresas familiares

Por Ana Luiza Isoldi

São Paulo, 13 de maio de 2014

Proposta : **análise em conjunto com o grupo**

Obra: ***Profunda Simplicidade: uma nova
consciência do Eu interior***

Autor: **WILL SCHUTZ**

Editora: **Ágora**

Ano: **1989**

➤ Três Dimensões:

- ✓ **Inclusão**
- ✓ **Controle**
- ✓ **Afeto**

➤ INCLUSÃO

- ✓ Refere-se a: exclusão, inclusão, pertencimento, proximidade
- ✓ Quem está dentro / quem está fora
- ✓ Auto-conceito / identificação
- ✓ Interação: encontros
- ✓ Ansiedade: ser insignificante

“o desejo de ser incluído manifesta-se como desejo de atenção, de interação, de ser distinto dos demais. Ser completamente identificável implica que alguém está tão interessado em mim que descobre minhas características singulares.

A questão dos compromissos surge desde o início das relações grupais. Na testagem inicial de um relacionamento, geralmente me apresento aos outros para descobrir quais de minhas facetas irão lhes interessar. Se não estou certo de que os outros acharão importante o que tenho a dizer, posso ficar em silêncio” (p. 105).

*“Se minha auto-estima é baixa e julgo-me sem importância alguma, meu comportamento de inclusão tende a ser extremado e marcado pela ansiedade. Ou eu me esforço ao máximo para fazer com que as pessoas prestem atenção em mim, sendo o **ultra-social**, ou me afasto dos outros, sendo o **subsocial**”* (p. 106).

*“Quando sou **subsocial**, sou introvertido e retraído. Quero manter distância dos outros e não quero me misturar com eles, pois se o fizesse perderia minha privacidade”. Inconscientemente, quero sem dúvida que os outros prestem atenção em mim. Meu maior medo é que as pessoas me ignorem e não se aproximem de mim. Minha atitude inconsciente é: “Uma vez que ninguém está interessado em mim, não vou me arriscar a ser ignorado. Ficarei distante das pessoas e viverei sozinho” Uso a autosuficiência como técnica para existir sem as outras pessoas. Atrás do meu afastamento está a sensação particular de que outras pessoas não me entendem. Inconscientemente, sinto que não devo mesmo ter qualquer valor, pois ninguém jamais me considerou suficientemente importante para me dar atenção. Minha ansiedade mais profunda é a de não ter valor, a de ser insignificante, a de não ter importância” (p. 106).*

*“Quando sou **ultrasocial**, sou extrovertido. Busco incessantemente as pessoas e quero que elas me procurem. Temo que venham a me ignorar. Meus sentimentos inconscientes são os mesmos que os do subsocial, mas meu comportamento manifesto é o oposto. Minha atitude inconsciente é: “Embora eu saiba que ninguém está interessado em mim, farei com que as pessoas prestem atenção em mim de qualquer jeito”. Sempre em busca de companhia, não suporto ficar sozinho. Meu comportamento interpessoal está destinado a prestar atenção em mim mesmo, a fazer as outras pessoas me notarem, a me destacar. Meu método direto é participar intensamente, me exibindo. Ao me ressair no grupo, forço o grupo a focalizar em mim sua atenção. Minha técnica sutil para ganhar atenção é procurar ser poderoso (controle) ou querido (afeto) Meus problemas de inclusão geralmente fazem com que eu hesite entre um comportamento ultrasocial ou subsocial” (p. 106).*

No comportamento **social**, em que o tema da inclusão está bem resolvido, a interação com as pessoas não apresenta dificuldade:

“Sinto-me bem com ou sem a presença de outros. Posso participar muito ou pouco numa situação de grupo, sem me sentir ansioso. Sou capaz de me comprometer e de me envolver bastante com certos grupos, e também posso evitar me envolver, se sentir que é melhor. Sinto que tenho o meu valor, sou importante” (p. 106-107).

➤ CONTROLE

- ✓ Refere-se a tomada de decisão, diferenciação por suas próprias características
- ✓ Quem está por cima / quem está por baixo
- ✓ Definição dos papéis e distribuição de poder, influência e autoridade
- ✓ Interação: confronto, competição
- ✓ Ansiedade: ser incompetente

- Assim que o grupo está formado, começa a diferenciar papéis e distribuir o poder, na fase de controle.
- Esta fase refere-se ao processo de tomada de decisão no grupo, nas áreas de poder, influência e autoridade.
- O desejo de controle engloba desde o de ter autoridade sobre os outros até o de ser controlado e isentado de toda responsabilidade.

*“Subjacente ao meu comportamento de controle está a percepção da minha ‘competência’. Se me sinto incapaz de enfrentar o mundo, se me sinto inadequado, ou incapaz de estar à altura de outras pessoas, então meu comportamento de controle é extremado e ansioso. Afasto-me de posições de poder e responsabilidade, e sou um **abdicrata**, ou tento dominar os outros, e sou um **autocrata**”* (p. 108).

*“Quando **abdocrata**, abduco de meu poder. Aceito uma posição subordinada na qual eu não tenha que assumir a responsabilidade pela tomada de quaisquer decisões. Quero que outras pessoas me aliviem de minhas obrigações. Não controlo os outros, nem mesmo quando isso é conveniente. Por exemplo, não assumo a liderança da situação nem durante um incêndio na pré-escola, na qual sou o único adulto. Nunca tomo uma decisão, se puder encaminhá-la para outra pessoa. Numa situação administrativa, tento livrar-me de quaisquer responsabilidades”* (p. 108).

“Quando autocrata, sou extremamente dominador. Sou um fanático pelo poder, um competidor. Tenho receio de que os outros não sejam influenciados por mim, e que realmente terminem por me influenciar. Minha sensação latente é a mesma que a do abdicrata: não sou capaz de me desincumbir de obrigações. Para compensar, tento continuamente provar que sou capaz e disto resulta que assumo uma carga de responsabilidades grande demais” (p. 108).

No comportamento **democrata**, que o tema do controle está bem resolvido, o exercício do poder e do controle não apresenta dificuldade.

“Sinto-me confortável dando ou não dando ordens, seguindo ou não ordens, dependendo do que for apropriado para a situação. Diversamente do abdicrata e do autocrata, não estou preocupado com temores relativos à minha inépcia, à minha estupidez, ou incompetência. Sinto-me competente, e tenho confiança de que outras pessoas confiam em minha capacidade de tomar decisões” (p. 108).

➤ AFETO

- ✓ Refere-se a sentimentos, vínculos emocionais e pessoais; questões sociais
- ✓ Quem está próximo / quem está distante
- ✓ Sobrevivência do grupo
- ✓ Interação: abraço
- ✓ Ansiedade: ser amável e ser capaz de amar

Para que o grupo possa sobreviver, são imprescindíveis os vínculos pessoais entre seus membros, o que se desenvolve na fase do afeto.

“Se não for dada nenhuma atenção aos sentimentos que as pessoas têm umas pelas outras, crescem as rivalidades, os desejos pessoais não são satisfeitos, as pessoas sabotam ou abandonam o grupo e a vida grupal está encerrada. Os ‘vínculos afetivos’ da família, questões sociais, compartilhamento, ou benefícios pessoais, devem ser levados em consideração pelo grupo, para que este possa sobreviver” (p. 105).

*“Minha sensação de poder ser amado está sempre latente em minhas condutas na área do afeto. Se não me sinto capaz de ser amado, se me sinto uma pessoa chata e desinteressante, ruim, etc., rejeitada por qualquer pessoa que chegue a me conhecer bem, então meu comportamento afetivo é extremado e ansioso. Ou eu evito todos os vínculos afetivos íntimos, sendo então **subpessoal**, ou tento me manter próximo de todos, o **superpessoal**” (p. 109).*

*“Quando sou **subpessoal**, evito elos íntimos com outras pessoas. Mantenho relações unívocas num nível distante e superficial e sinto-me muito satisfeito quando as outras pessoas também agem assim, em relação a mim. Mantenho uma distância emocional e não me envolvo emocionalmente. Inconscientemente, busco um relacionamento afetivo satisfatório. Temo que ninguém me ame e que eu não seja querido. Tenho grande dificuldade em gostar genuinamente das pessoas e desconfio de seus sentimentos a meu respeito” (p. 109).*

*“Quando sou **superpessoal**, me torno extremamente próximo dos outros e quero que os outros se aproximem de mim. Inconscientemente, meu mecanismo é o seguinte: ‘Minhas primeiras experiências com afeto foram dolorosas, mas, talvez, se eu tentar de novo, elas acabem sendo melhores’. Ser querido é essencial à minha tentativa de aliviar a ansiedade de ser rejeitado e não-querido. Minha técnica direta para ser querido é tentar conquistar aprovação, ser extremamente pessoal, agradável, íntimo, confiável. Minha técnica sutil mais manipulativa e possessiva, é devorar os amigos e punir qualquer tentativa de sua parte de estabelecer outros relacionamentos” (p. 109).*

No comportamento **social**, em que a interação íntima com outra pessoa não apresenta dificuldade:

“Sinto-me bem numa relação pessoal íntima tanto quanto numa relação que exige distanciamento emocional. Para mim é importante ser querido, mas, se não for, posso aceitar essa falta de afeto como resultante da relação entre eu e a outra pessoa. Em outras palavras, essa falta de afeto não significa que sou uma pessoa incapaz de ser amada. Sou capaz de dar e receber afeto genuíno” (p. 110).

- ✓ Nas empresas familiares, facilmente identifica-se comportamentos das fases de inclusão (subsociais ou ultrasociais), controle (abdicata ou autocrata) e afeto (subpessoal ou superpessoal).
- ✓ Mapear esses comportamentos conforme a fase de desenvolvimento do grupo auxilia na identificação da intervenção mais adequada à gestão dos conflitos.

- ✓ **Confusão de papéis na família e na empresa (pai=chefe / filho=funcionário)**
- ✓ **Confusão do patrimônio pessoal e empresarial → dependência econômica**
- ✓ **Delegação e transferência do comando / gestão**
- ✓ **Disputa por poder ou reconhecimento → controle e auto-estima**
- ✓ **Quebra do protocolo / acordo familiar → confiança**
- ✓ **Percepção de injustiças: proteção de membros com menos condições**
- ✓ **Outro sonho**

Referência bibliográfica

SCHUTZ, Will. *Profunda Simplicidade: uma nova consciência do eu interior*. 4ª ed. São Paulo: Ágora, 1989.

MUITO OBRIGADA!!!

anaisoldi@algimediacao.com.br

Tel: 11 5579 2787

www.algimediacao.com.br